

Textos bissextos sobre futebol: um poeta, uma pintora e uma cronista do modernismo

Leap Texts about Football: A Poet, a Painter and a Chronicler of Modernism

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio
bernardobuarque@gmail.com

RESUMO: No escopo do dossiê *Futebóis e modernismos*, a seção “Poética” procura apresentar textos literários menos conhecidos quando se pensam as relações entre letras e esportes no país. Trata-se de três publicações de autores brasileiros vinculados à história do modernismo, que, em diferentes temporalidades e por razões diversas, abordaram, ainda que de maneira incidental, aspectos da experiência esportivo-futebolística. Selecionamos para tanto um poema e duas crônicas, assinados, respectivamente, pelo escritor Cassiano Ricardo (1895-1974), pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973) e pela romancista Rachel de Queiroz (1910-2003).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e futebol; Futebol e Modernismo; Rachel de Queiroz; Cassiano Ricardo; Tarsila do Amaral.

ABSTRACT: In the scope of the *Futebóis e modernismos* dossier, the “Poética” section seeks to present lesser-known literary texts when considering the relationship between letters and sports in the country. These are three publications by Brazilian authors linked to the history of modernism, which, in different temporalities and for different reasons, approached, albeit incidentally, aspects of the sports-football experience. We selected for this purpose a poem and two chronicles, signed, respectively, by the writer Cassiano Ricardo (1895-1974), by the painter Tarsila do Amaral (1886-1973) and by the novelist Rachel de Queiroz (1910-2003).

KEYWORDS: Literature and Football; Football and Modernism; Rachel de Queiroz; Cassiano Ricardo; Tarsila do Amaral.

No escopo do dossiê *Futebóis e modernismos*, a seção “Poética” procura apresentar textos literários menos conhecidos quando se pensam as relações entre letras e esportes no país. Trata-se de três publicações de autores brasileiros vinculados à história do modernismo, que, em diferentes temporalidades e por razões diversas, abordaram, ainda que de maneira incidental, aspectos da experiência esportivo-futebolística. Seleccionamos para tanto um poema e duas crônicas, assinados, respectivamente, pelo escritor Cassiano Ricardo (1895-1974), pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973) e pela romancista Rachel de Queiroz (1910-2003).

A seguir, junto à transcrição, tecemos algumas considerações contextuais sobre o autor e o respectivo texto.

*

Cassiano Ricardo (1894-1974) é uma espécie de “patinho feio” na história e na memória do modernismo. Pertenceu nos anos 1920 à vertente do Verde-Amarelismo, ao lado de Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, e articulou-se no decênio seguinte ao grupo Bandeira. Sua obra poética tem reconhecimento diminuto em face da consagração assistida por Mário, Oswald, Tarsila e outros próceres modernistas. Sem embargo, em vida o autor paulista desfrutou de posições eminentes de poder e projetou-se no cenário cultural literário. Ainda nos anos de 1930, foi eleito à cadeira na Academia Brasileira de Letras e, próximo ao Estado Novo, foi redator do suplemento de “Artes e Letras”, no influente jornal *A Manhã* e também em *A Noite*, tendo sido diretor deste último.

Durante os anos 1940 envolveu-se em polêmica com o historiador Sérgio Buarque de Holanda, ao discordar do emprego filológico-semântico da expressão “homem cordial”, tal como consagrada no livro *Raízes do Brasil* (1936). Nesse mesmo decênio, no bojo estadonovista, publicou o ensaio *Marcha para o Oeste*, sendo prolífico no gênero do ensaísmo sociológico, a exemplo de *O Brasil no original* (1936), *A poesia na técnica do romance* (1953), *Pequeno ensaio de bandeirologia* (1959), *22 e a poesia de hoje* (1962), *O indianismo de Gonçalves Dias* (1964) e *Viagem no tempo e no espaço* (1970).

A dicção nacionalista e primitivista foi marcante em sua poesia, sendo sua obra-prima *Martin Cererê*, datada de 1928 e ilustrada pelo pintor Oswaldo Goeldi.

Publicou também os livros de poemas: “República dos Estados Unidos do Brasil”; “Borrões de verde e amarelo”; e “Vamos caçar papagaios”, entre outros. Em 1972, quando a Semana de Arte Moderna completou 50 anos, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense desenvolveu um enredo baseado no poema *Martim Cererê* para seu desfile carnavalesco, com a obtenção da quarta colocação no carnaval carioca.

A produção poética de Cassiano remonta aos anos 1910 e deita raízes iniciais no parnasianismo e no simbolismo, antes da aproximação com as hostes modernistas. Resistiu de início ao modernismo, mas concretizou sua adesão de 1925 em diante. Sempre atento às vanguardas, foi sensível ao advento da poesia concreta na década de 1950.

Para esta seção colhemos os versos contidos em “Martin Cererê” (1928), livro que surge no mesmo ano da antropofagia oswaldiana e da publicação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Seleccionamos aqui para transcrição o poema “O jogador de futebol”:

O pequenino vagabundo joga bola
e sai correndo atrás da bola, que salta e rola.
Já quebrou quase todas as vidraças,
inclusive a vidraça azul daquela casa,
onde o sol parecia um arco-íris em brasa.

Os postes estão hirtos de tanto medo.
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)
E quando o pequenino vagabundo,
cheio de sol, passa correndo entre os garotos,
de blusa verde-amarela e sapatos rotos,
aparece de pronto um policial,
o homem mais barrigudo desse mundo,
com os seus botões feitos de ouro convencional,
e zás! carrega-lhe a bola!
“Estes marotos
precisam de escola...”

O pequenino vagabundo guarda nos olhos,
durante a noite toda, a figura hedionda
do guarda metido na enorme farda
com aquele casaco comprido todo chovido
de botões amarelos.

E a sua inocência improvisa os mais lindos castelos;
e vê, pela vidraça,
a lua redonda, que passa, imensa,
como uma bola jogada ao céu.
“É aquele Deus com certeza,
de que vovó tanto fala.
Aquele Deus, amigo das crianças,

que tem uma bola branca cor de opala
e tem outra bola vermelha cor do sol;
que está jogando noite e dia futebol,
e que chutou a lua agora mesmo
por trás do muro; e, de manhã, por trás do morro,
chuta o sol.¹

*

Depois da poesia de Cassiano Ricardo, vamos abordar aqui o trabalho da pintora Tarsila do Amaral, um dos nomes luminares associados à história do modernismo. Apesar de tal associação, observe-se que a artista não chegou a participar da celebrada Semana de 1922, pois residia em Paris à época, depois de uma educação infantil passada em uma escola em Barcelona. Integrou-se na sequência ao chamado Grupo dos 5, ao lado do futuro marido Oswald, dos amigos Anita Malfatti e Mário de Andrade, e de Menotti Del Picchia. Ciceroneou o poeta suíço Blaise Cendrars em sua visita ao Brasil em 1924, com passagens pelo carnaval carioca, assistido no subúrbio do Rio, e com a viagem às cidades históricas de Minas Gerais.

Seus quadros tornaram-se célebres e hoje em dia a tela “Abaporu”, de propriedade do MALBA (Museu de Arte Latino-Americano de Buenos Aires), é uma das mais valiosas pinturas brasileiras, com alto valor de mercado. Foi adquirida em 1995 por 1.3 milhão de dólares, pelo colecionador de arte argentino Eduardo Constantini.

Para este dossiê, revelamos uma faceta imprevista da pintora: a sua condição de cronista. Graças à pesquisadora Laura Brandini, coligiram-se suas crônicas na imprensa paulista dos anos 1930. Entre as centenas de escritos, localizou-se o texto “Cultura física”, que veio a lume no jornal *Diário de S. Paulo*, em um domingo do dia 14 de abril de 1940.

A saborosa crônica da pintora e desenhista, reproduzida a seguir, dá uma mostra da rivalidade então vigente entre o futebol brasileiro e as equipes platinas, bem como descortina o paralelismo próprio da época entre as práticas ginásticas antigas e o advento dos esportes modernos, muito característica dos letrados de então:

Os cronistas esportivos encheram os jornais, há pouco tempo, com a derrota dos *foot-ballers* brasileiros infligida pelos argentinos e uruguaios. Para muita gente, que se presume séria, esses longos comentários em que se lamentava o nosso fracasso, em tom elegíaco e dramático,

¹ Extraído de *Martin Cererê*. São Paulo: Saraiva, 1962, 11ª edição.

poderiam parecer frívolos. Essa gente séria se esqueceu das lições luminosas da Antiguidade clássica, onde o esporte era um dos mais importantes elementos da vida social.

Confesso que vibrei num enorme entusiasmo ao assistir, pela primeira vez em minha vida, ao encontro em que os brasileiros enfrentaram os seus colegas argentinos, no campo apinhado do Parque Antártica.

O dinamismo das jogadas, o empolgante aspecto do campo, a beleza de certos lances que chegavam a lembrar bailados, me traziam evocações de velhas leituras, reminiscências dos estádios gregos em que se realizaram os jogos olímpicos na Antiguidade pagã.

A Grécia antiga, cujos atletas foram modelados pelos grandes escultores, principalmente no seu período de apogeu no V e VI séculos antes de Cristo, incitava a juventude ao desenvolvimento harmonioso do corpo, visando sobretudo à formação de bons defensores da pátria.

E foi pensando nisso que Sócrates disse ao jovem Epigene, ao vê-lo descuidar do corpo: “Quanto te falta, ó Epigene, para seres um bom mestre em matéria de ginástica!” E ao responder-lhe Epigene que não era essa a sua profissão, contestou o filósofo: “É a tua, assim como é a de todos que se acham em vésperas de tomar parte nas lutas de Olímpia”. E fazendo ver a diferença dos que tratam bem o corpo e dos que o tratam mal, afirmava que “os primeiros sadios e robustos e graças a isso muitos deles defendem com honra a própria vida nas batalhas, e se livram de qualquer perigo: muitos dão auxílio aos amigos e são úteis à pátria”. Entre outras mais considerações acrescentava que a cidade não tinha instituições públicas para formar bons soldados e por isso mesmo não convinha que os privados descuidassem de tornar-se tais, mas que deviam preparar-se às fadigas guerreiras com toda a diligência.

A ginástica entre os antigos gregos se apoiava numa base inteligente de métodos científicos. Nos ginásios dizia o instrutor ao juvenzinho recém-chegado: “Mostra-me o peito, as espáduas, as costas, a fim de que eu veja o exercício de que mais necessitas”.

Michelangelo Jerace, num estudo sobre a ginástica em relação à arte grega, observa que da citação acima se deduz que, além da ginástica geral, deveria haver outra especializada, segundo o caso. Xenofonte, em A República dos lacedemônios, dizia que os gregos exercitavam de maneira harmoniosa todas as partes do corpo, o pescoço, as espáduas, os braços, o peito, as pernas, constituindo esses exercícios uma obrigação diária para todos, não somente durante a juventude, mas a vida toda.

Uma das preocupações dos educadores modernos é felizmente a cultura física. Todas as atenções se acham voltadas para o corpo são, o homem sadio de belo aspecto, bem proporcionado, rijo e corajoso – o soldado para a trincheira, resistente às intempéries, o homem destinado às guerras, já que a paz universal até hoje tem falido. A mulher moderna é esportiva, bem-feita, apta para a maternidade, para povoar o seu país de filhos fortes – a mulher colaboradora do homem no terreno da inteligência, da cultura e em toda a sua atuação social.

A cultura física está preparando uma geração forte e feliz. A disciplina da ginástica, o exercício militar a que se submete a juventude despertam a consciência coletiva e revigoram o caráter.

Pela ginástica os antigos conseguiram os seus tipos de beleza. Agora, além da ginástica, vem a endocrinologia, principalmente no período da adolescência, operar maravilhas e remodelar corpos defeituosos.

Esses dois elementos podem dar à nova geração a felicidade da saúde e da beleza – a alegria de viver.

*

Last but not least, trazemos aqui uma crônica da romancista Rachel de Queiroz, referência do regionalismo nordestino, desde sua estreia com *O Quinze*, em 1931. Cearense, crescida nas rodas literárias de Maceió, Rachel, como muitos aspirantes à literatura da sua geração, migrou para o Rio de Janeiro, então capital da República, no final dos anos 1930, em busca de reconhecimento literário.

Na década de 1940, embora não haja escritos sobre a temática, era conhecida como torcedora de futebol, vascaína fervorosa, a ponto de outro escritor contemporâneo, José Lins do Rego, “flamenguista de quatro costados”, publicar crônica intitulada *Rachel de Queiroz e o Vasco*. Nela, o inveterado torcedor do Flamengo queixava-se, entre a ironia e o lamento, da preferência clubística da amiga, moradora da Ilha do Governador.

Foi graças à pesquisadora Natália Guerellus, historiadora formada na UFF e hoje professora da Universidade Lyon 3 – Jean Moulin, que cheguei a essa crônica de Rachel. Natália, autora de dois livros sobre a literatura de Rachel e sua relação com as questões de gênero no campo artístico, compartilhou generosamente o texto “Viva o Vasco”, da coluna que a escritora mantinha na revista *O Cruzeiro*.

A publicação vem na esteira da conquista do campeonato carioca de 1970 pelo clube da Cruz de Malta e é veiculada 29 de setembro daquele ano, na última página do afamado periódico dos Diários Associados.

Eis as palavras de entusiasmado clubismo manifestadas pela autora de *Memorial de Maria Moura*, por ocasião de mais uma conquista futebolística do time cruzmaltino:

Quando o Vasco se oculta na penumbra, a gente também entra em recesso, não por covardia ou desamor, é evidente – mas para não topar provocações de flamenguistas, botafoguenses ou pós-de-arroz fanáticos. Pois o que caracteriza os vascaínos é o seu amor *consciente* ao grande clube, não aquela paixão cega e desarrazoada dos outros. Quando escolhemos o Vasco foi porque, depois de lúcida deliberação, nos convencemos de que ele é o grande, o máximo, superior a todos, transcendendo de disputas e competições; não somos levados pelo fanatismo cego, como os demais.

Ser vascaíno é ser discreto, é ser convicto da nossa superioridade, tranquilamente, sem alardes. A gente não precisa sair gritando por cima dos telhados que é Vasco – afinal, não se quer humilhar ninguém. Mas quando as vitórias se acumulam, os adversários mordem o pó e as outras bandeiras se curvam ante o pendão da cruz de malta –, aí não há modéstia que aguente; por mais pena que se tenha dos vencidos, a verdade precisa ser clamada, e temos que lançar nos ares o nosso grito de guerra. VAAAAASSSSCO!

Foi no dia 28 de agosto de 1898 – acaba de fazer 72 anos – que, às duas e meia da tarde, um grupo de brasileiros e portugueses, reunidos num prédio da rua da Saúde, n. 293, fundaram o CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. E é só a escolha do nome – Vasco da Gama – demonstrava a superior inspiração que animava os fundadores do novo grêmio esportivo. Ninguém ia atrás de reivindicações de bairro ou de rua, não se procurava a glorificação regionalista de personalidades importantes de Portugal ou do Brasil. Escolheu-se como nosso padrinho aquele que, transcendendo da sua qualidade de lusitano, é reconhecido como um herói de toda a humanidade. O navegador que descobriu para a Europa – confinada entre o temor do Oceano a oeste, e o temor do Mongol a leste –, o grande caminho verde e marinho que leva ao Oriente através do Ocidente.

E assim, só com o proclamar o nome do seu patrono, os fundadores do Vasco já lhe estavam traçando o destino. Porque a grandeza vem do berço; pode a estrela que marca um nascimento ficar momentaneamente escondida, mas lá está brilhando, por trás das nuvens. E a nossa estrela vascaína já brilhava naquela tarde de agosto, há setenta e dois anos atrás. Tomamos como armas a caravela do Navegador a ostentar a cruz de Cristo portuguesa, enquanto corta o mar oceano; e nessa bela divisa está simbolizado inteiramente o Vasco: Portugal está todo na cruz dos navegantes, e o mar é este mar do Brasil, mar tenebroso de dantes, que os marujos portugueses souberam transformar num simples estreito, a unir, não mais a separar a ponta extrema da Europa, que são eles, à ponta extrema da América, que somos nós.

Nessa vida já longa temos tido muitas horas de grandeza, a par de momentos de penumbra. Lembro o bicampeonato, de 1923-24. Campeão de terra e Mar em 1945. Em 48 vencemos na Argentina² o Campeonato Sul-Americano dos Campeões, que representou a primeira grande vitória do futebol brasileiro no exterior. Em 57, outro triunfo internacional, a Taça Herrera, em Bilbao. De 50 a 60, passamos por um período mais discreto, quanto ao quadro titular, porém ganhamos inúmeros títulos no esporte juvenil, a que então nos dedicávamos com maior afinco. Mas em 65 já voltávamos às vitórias espetaculares, como Campeões do Torneio do IV Centenário. Em 69, já antevendo a campanha desse ano, saímos vice-campeões no Robertão – e continuávamos sem descuidar os juvenis, sendo o seu campeão carioca.

Agora, em 1970, marchamos tranquilamente para o campeonato. No momento em que escrevo, temos apenas dois jogos pela frente, Botafogo e Fluminense. A vitória parece certa. Mas se a fortuna do esporte, tão semelhante à fortuna da guerra, por um acaso injusto, nos arrebatou o triunfo (e, nestas alturas ninguém acha possível tão cruel desastre), não nos falhará a fibra: quem nasce campeão, sempre se comporta como campeão, mesmo nas horas amargas em que a sorte cega entrega os louros a outros merecedores.

E VIVA O VASCO!

* * *

² Observação: aqui acredita-se que houve um equívoco de informação da escritora cearense, pois o jogo foi disputado em Santiago, capital do Chile, não na Argentina.

REFERÊNCIAS

ARIENTI, Douglas Pavoni. **Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia**: trajetórias intelectuais, projetos políticos e função social da inteligência. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História/UFSC, 2014.

BRANDINI, Laura Taddei (Org.). **Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

CAMPOS, Maria José. **Versões modernistas do mito da democracia racial em movimento**: estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social/USP, 2007.

EL-DINE, Lorena Ribeiro. **Raça, história e política em Alfredo Ellis Jr. e Cassiano Ricardo**. Vitória (ES): Dissertação de Mestrado em História/UFES, 2010.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

GUERELLUS, Natália. **Regra e exceção**: Rachel de Queiroz e o campo literário dos anos 1930. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. “Viva o Vasco”. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1970.

RICARDO, Cassiano. **Martin Cererê**. São Paulo: Saraiva, 1962.

* * *

Recebido em: 19 jan. 2022.
Aprovado em: 04 nov. 2022.